

APRESENTAÇÃO

Profa. Dra. Márcia Moura da Silva.

O volume 53 da *Cadernos de tradução*, da UFRGS, traz artigos sobre tradução audiovisual (TAV), traduzidos por estagiários e estagiárias do Estágio Supervisionado de Tradução em inglês II do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e tem como principal objetivo ampliar o diálogo interdisciplinar sobre o fenômeno tradutório. A demanda por tradução para legendagem e dublagem vem crescendo continuamente à medida que os serviços de *streaming* se popularizam e a acessibilidade se torna pauta de políticas públicas. Academicamente, um número expressivo de trabalhos vem discutindo a TAV sob diferentes perspectivas e áreas do conhecimento; os artigos aqui selecionados são testemunhas dessa riqueza — são textos que abordam acessibilidade, inclusão, censura, representatividade, recepção, trabalho colaborativo entre tradutores, legendadores e produtores de cinema e entre tradutores e artistas.

Esses artigos foram publicados originalmente em língua inglesa e estão disponíveis em acesso livre, o que nos permitiu traduzi-los para o português, promovendo, assim, a disseminação do conhecimento científico. As contribuições vêm dos seguintes países: Arábia Saudita, Austrália, Bélgica, Espanha, Itália, Países Baixos, Polônia, Reino Unido e Suécia. Ter acesso a pesquisas de diferentes países nos coloca em contato com outras abordagens e metodologias, o que nos dá a oportunidade de refletir sobre convergências e divergências em relação às nossas próprias pesquisas e à ideia que temos da TAV. Além disso, traduzir textos de outras áreas nos permite compreender suas necessidades tradutórias, ao mesmo tempo em que nos dá subsídios para questionarmos a visão, por vezes conservadora, que possam ter da tradução e dos Estudos da Tradução.

Em vez de buscar a padronização dos textos, as tradutoras e os tradutores tiveram liberdade de fazer suas próprias escolhas tradutórias, sendo que, por exemplo, em algumas traduções, notas de tradução (N.T.) foram inseridas, seja para adicionar informação, seja para sugerir outras leituras; alguns termos da área podem ter sido traduzidos, outros apresentados na forma de empréstimos; siglas e acrônimos podem ter recebido tratamento diferente. Quaisquer que tenham sido as escolhas, elas refletem a individualidade de cada tradutora e de cada tradutor, que, ao traduzir, deixa sua marca nos textos, e é essa marca que faz com que cada tradução seja única.

Os três primeiros artigos tratam da acessibilidade para visitantes cegos ou com baixa visão em museus. Questões como objetividade e subjetividade, trabalho colaborativo e acessibilidade criativa, que transforma a obra-fonte em um trabalho de arte em si, são temas comuns nesses trabalhos.

No primeiro artigo, *Audiodescrições para museu vs. audioguias: descrever ou interpretar o patrimônio cultural?*, a autora Chiara Bartolini, da Fondation Grand Paradi, à luz de teorias da Museologia, traz uma reflexão sobre objetividade e subjetividade em duas ferramentas comunicativas, a audiodescrição (AD) e a audioguia (AG) para museus, sendo a primeira voltada sobretudo a visitantes com deficiência visual ou de baixa visão, e a segunda ao público em geral. Bartolini equipara a objetividade nessas duas ferramentas aos conceitos de *invisibilidade do tradutor* e de *lealdade*, discutidos nos Estudos da tradução. Como o tradutor, que é um leitor e traduz a sua interpretação do texto-fonte, a autora sugere que os audiodescritores também são espectadores e tendem a descrever objetos de acordo com sua própria visão, o que também os distancia da lealdade ao objeto pretendido como texto-fonte. A audiodescrição, nesse contexto, é vista como uma tradução intersemiótica e intersensorial. O corpus de estudo inclui coleções da Austrália, da Alemanha, dos Estados Unidos e da Itália.

Também abordando a questão da objetividade e subjetividade em materiais criados para AG para museus, o segundo artigo, *Estética e participação em exposições de arte inclusivas: reflexões sobre uma pesquisa-ação sobre um audioguia*, de Nine Reviers e Sabien Hanouille, ambas da Universidade da Antuérpia, propõe maneiras de melhorar a acessibilidade de coleções de arte por meio de “traduções criativas”, que envolvam a colaboração de diferentes profissionais, inclusive artistas, para juntos produzirem uma interpretação tátil das obras originais. O objetivo das autoras é mostrar como o uso da criatividade, ao se pensar em acessibilidade nas artes, leva à criação de AGs mais inclusivas e a obras táteis que promovem uma “estética da diferença”.

O terceiro artigo, *Audiodescrição na arte abstrata: usando metáforas a partir de uma perspectiva funcional*, de María José García Vizcaíno, da Universidade de Montclair State, destaca o uso da AD para instalações de vídeo, que diferentemente das pinturas e esculturas fixas dos museus, possuem características cinematográficas, embora sejam diferentes de AD para o cinema por não terem tanta restrição de tempo e também por serem mais interativas, o que, segundo a autora, resulta em ADs mais criativas e subjetivas. Considerando a AD como um tipo de tradução (intersemiótica), a autora adota uma abordagem funcionalista para conceber um projeto cujo objetivo é afirmar perspectivas indígenas e ativar espaços estáticos no Museu de Arte de Montclair (MAM). Ela mostra o processo de escolha tradutória para

imagens abstratas no vídeo com base nas funções expressiva, fática e conativa, criando metáforas que, por vezes, vão além do domínio original da obra para descrever a arte abstrata e explorar o áudio de maneiras mais artísticas e experimentais.

No quarto artigo, *Representação na acessibilidade midiática: sobre a adoção de uma perspectiva feminista queer*, Gonzalo Iturregui-Gallardo, da Universidade Autônoma de Barcelona, promove um debate sobre os conteúdos dos serviços de acessibilidade midiática, propondo um arcabouço teórico a partir de perspectivas feministas *queer* que estabeleça conexões entre os Estudos Feministas, *Queer* e da Deficiência e os Estudos da Tradução. Para o autor, a maneira como as minorias são retratadas na tradução impacta sua representação, mas há poucos trabalhos sobre esse tema e acessibilidade midiática. Com foco na diversidade de gênero e em corpos racializados e com deficiência em séries de TV e *streaming*, o autor sugere estratégias de tradução feminista e *queer*, visto que a tradução feminista e a *queer* dão destaque a discursos e narrativas pertencentes às minorias, normalmente ocultos ou estereotipados.

Com base no fato de que o avanço tecnológico abre espaço para novos modelos de tradução que permitem maior participação de consumidores de produtos audiovisuais, o quinto artigo, *Motivação não declarada: uma análise sociológica das práticas intervencionistas contra censura na legendagem não profissional árabe*, de Abdulrahman Ibrahim Aljammaz, da Shaqra University, Arábia Saudita, traz uma discussão sobre o papel dos legendadores não profissionais árabes como agentes de mudança normativa por intervirem com suas traduções nesses produtos, sobretudo em legendagem. Ainda que haja várias pesquisas acadêmicas no campo da legendagem, poucas delas abordam a questão do intervencionismo nas legendas produzidas por legendadores não profissionais. Apoiando-se em uma perspectiva sociológica, o autor levanta a hipótese de que uma das motivações por trás da legendagem realizada por tradutores não profissionais árabes é a de questionar normas sociais e de legendagem.

No sexto artigo, *Investigando o potencial da colaboração entre tradutores e produtores de filmes na legendagem de filmes estrangeiros: uma análise qualitativa*, o autor, Hugh Wilson Nettelback, da Universidade Monash, Austrália, com base na aplicação de um modelo colaborativo, discorre sobre a colaboração entre profissionais da indústria cinematográfica, tradutores e legendadores. Enquanto alguns cineastas veem essa colaboração como essencial, tradutores e legendadores a veem com desconfiança, pois, apesar dos benefícios, muitos sentem que ela também pode significar controle sobre como conduzem o seu trabalho. Além disso, quando cineastas participam do processo de tradução, isso pode resultar em legendas

inadequadas ao seu público-alvo. Tanto cineastas quanto tradutores e legendadores concordam que esse processo colaborativo acaba por prolongar a produção e aumentar seus custos.

O sétimo artigo, *Como PJ Masks se torna PJ Heroes: um estudo contrastivo de corpus sobre a representação de gênero em animação infantil dublada*, de Reglindis De Ridder e Annika Johansson, ambos da Universidade de Estocolmo, investiga a representação de gênero na legendagem para o neerlandês e para o sueco de uma série de animação infantil produzida nos Estados Unidos, baseada no livro *Les Pyjamasques* de Romuald Raciopp. A partir da crítica à animação infantil, que ainda mantém a representação de papéis de forma estereotipada e dá pouco espaço à diversidade, a investigação centra-se em possíveis mudanças de gênero, sobretudo na personagem principal feminina, no processo de dublagem. Ao analisarem os enunciados dos personagens principais, os autores concluem que, na tradução neerlandesa, a personagem feminina é apresentada como mais empoderada do que no texto de partida e na tradução sueca. Em entrevista, a tradutora neerlandesa afirmou que muitas de suas escolhas se deram devido aos limites impostos pela dublagem, que precisa ser sincronizada com os movimentos da boca dos personagens, mas reconheceu que, ainda que inconscientemente, acabou por empoderar a personagem por meio de algumas de suas escolhas.

Os dois últimos artigos adotam o método de rastreamento ocular, uma tecnologia de luz infravermelha que, em resposta a um estímulo, revela dados como a posição, o movimento e o tempo de fixação do olhar de uma pessoa. No oitavo artigo, *"O impacto da velocidade de legendas e a presença de vídeo na leitura de legendas: um estudo de replicação com rastreamento ocular"*, de Szarkowska *et al.*, os autores investigam como a presença de imagens em movimento e diferentes velocidades de legendas afetam a experiência de diferentes grupos de espectadores. O estudo, que tem por base um estudo anterior envolvendo espectadores australianos, utilizou rastreamento ocular para mensurar o impacto de uma transmissão legendada multimodal na compreensão de espectadores britânicos e poloneses.

Resultados apontam que, embora espectadores de inglês como segunda língua possam ler a um ritmo mais lento em certas situações, não houve mudança significativa na compreensão dos espectadores britânicos e poloneses em velocidades mais altas de legendas, o que pode indicar que eles estejam mais habituados à recepção de informação multimodal do que os australianos. Além disso, ao contrário do estudo original, os resultados mostram que a inclusão de vídeos melhora a compreensão ao fornecer contexto visual à narrativa. Em vez de redundantes, os autores os veem como complemento à compreensão das legendas. Para que os estudos sejam replicáveis, os autores destacam a necessidade de pesquisadores aderirem

aos princípios de acesso livre aos trabalhos científicos, possibilitando que a comunidade acadêmica analise os resultados.

No nono e último artigo, *Respostas emocionais a legendas integradas e padrão em um contexto de filme de fantasia sombria*, de Francesca Leveridge, da Universidade de Exeter e de Pierre-Alexis Mével e Myron Tsikandilakis, da Universidade de Nottingham, os autores investigam as diferenças de recepção entre legendas convencionais e integradas (também conhecidas como criativas ou dinâmicas) em relação ao medo no filme russo *Guardiões da Noite* (Bekmambetov, 2004). As legendas integradas, ao contrário das convencionais, variam, por exemplo, a fonte, o tamanho da letra e o posicionamento na tela, e também adicionam animações e efeitos especiais que dialogam com o estilo visual e as ações do filme. Ao se movimentarem pela tela, essas legendas fornecem camadas adicionais de significado à narrativa, à temática e à caracterização das cenas, e podem até se tornar parte da própria história. Resultados indicam que a legenda integrada provoca um estímulo emocional mais intenso do que as convencionais, ainda que, como destacam os autores, o estudo esteja limitado a uma única emoção (o medo) e a um único filme.

Boa leitura!